



ORIENTE MÉDIO Líderes trabalham para que o cessar-fogo entre Israel e Hamas seja duradouro. Nações Unidas pedem “adesão plena” ao fim dos confrontos. Comitativa do Egito se reúne com presidente palestino. E os EUA devem enviar o secretário de Estado à região

União de esforços para prolongar a trégua

Emmanuel Dunand/AFP



Mulher passa próximo a um prédio bombardeado por israelenses na Cidade de Gaza: ao menos 255 mortos em 11 dias de conflito

Autoridades internacionais trabalham em conjunto por um período de paz mais extenso entre Israel e Hamas. O Conselho de Segurança da ONU pediu ontem uma “adesão plena” ao cessar-fogo — a primeira declaração unânime do grupo feita desde o início do conflito, no último dia 10. Fontes do governo americano informam sobre uma possível visita do secretário de Estado dos EUA à região, como tentativa de favorecer o diálogo. Enquanto isso, a recuperação na zona de guerra é feita aos poucos, priorizando também medidas de segurança contra a covid-19.

“Os membros do Conselho de Segurança saudaram o anúncio de um cessar-fogo a partir de 21 de maio e reconheceram o papel importante do Egito e de outros países daquela região”, assinala o texto divulgado pelas Nações Unidas. O documento foi aprovado pelos Estados Unidos após a eliminação de um parágrafo que condenava a violência. O governo americano já havia rejeitado três declarações, além de um projeto de resolução francês que exigia o “fim imediato das hostilidades” e pedia “a entrega e a distribuição, sem obstáculos, de ajuda humanitária” em Gaza.

Proposto por China, Noruega e Tunísia, o texto divulgado pelo Conselho de Segurança pede o respeito absoluto ao cessar-fogo e assinala que os países-membros “lamentam as perdas civis causadas pela violência”. O grupo de líderes também destacou “a

necessidade imediata de assistência humanitária à população palestina, principalmente em Gaza” e apoiou “o chamado do secretário-geral da ONU à comunidade internacional para reconstruir” o enclave palestino.

Os membros do conselho devem voltar a discutir o conflito na próxima quinta-feira, na reunião pública mensal sobre o tema, programada antes do início

do último conflito. Também ontem, segundo a rede de notícias Al Jazeera, uma fonte familiarizada com o governo americano informou que o secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, deve visitar Israel e Cisjordânia nesta semana, na esperança de ampliar o cessar-fogo.

O Egito também se dedica a manter o clima de paz entre israelenses e palestinos. O país

enviou duas delegações para Gaza e Israel na última sexta-feira. A comitiva tem como objetivo “supervisionar” o cumprimento da trégua, informou a imprensa estatal do país. Ontem, um dos grupos se encontrou com o presidente palestino Mahmoud Abbas na cidade de Ramallah, segundo a Agência France-Press (AFP) de notícias.

Pandemia

Enquanto os líderes políticos buscam fortalecer o cessar-fogo, a região de Gaza parece mais tranquila. Equipes de resgate passaram o dia de ontem procurando sobreviventes entre os escombros, depois de retirarem, na sexta-feira, cinco corpos e uma dúzia de sobreviventes de túneis subterrâneos bombardeados pe-

lo exército israelense. Está previsto para hoje o retorno dos funcionários públicos da região ao trabalho, segundo o governo local, controlado pelo Hamas.

Grupos de auxílio aos moradores de Gaza têm auxiliado o retorno à normalidade e se mostraram preocupados principalmente com a saúde da população e a disseminação do novo coronavírus. “Durante a crise da covid-19, já era ruim o suficiente aqui. Houve um grande aumento de casos logo antes da escalada e, agora, as pessoas estão se abrindo juntas”, declarou Lynn Hastings, coordenadora Humanitária das Nações Unidas para os Territórios Palestinos da Cidade de Gaza, que está na região.

Segundo Hastings, o programa internacional de vacinas Covax, supervisionado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e outras instituições, planeja entregar um carregamento de doses da vacina contra o coronavírus para Gaza em poucos dias. O único laboratório que realizava testes de covid-19 em Gaza não funciona mais desde os primeiros bombardeios na região, informou a Organização de Libertação da Palestina (OLP).

De acordo com a OMS, 103 mil pessoas foram diagnosticadas com a doença na Faixa de Gaza, antes do início dos conflitos. A pandemia já provocou a morte de 930 pessoas na região. Hastings conta que, no momento, está sendo priorizado o envio de equipamentos, suprimentos médicos e kits de higiene para ajudar os residentes a lidar com o colapso gerado pelo conflito.

PFIZER E ASTRAZENECA

Vacinas têm ação parecida contra cepa descoberta na Índia

As vacinas da covid-19 desenvolvidas pela Pfizer/BioNTech e pela AstraZeneca/Oxford são quase tão eficazes contra a variante B.1.617.2 — identificada, pela primeira vez, na Índia — quanto contra a cepa B.1.1.7 — cujos primeiros registros ocorreram no Reino Uni-

do. A conclusão é de um estudo da agência pública de saúde da Inglaterra, a PHE, divulgado ontem, em meio a um clima de tensão quanto à possibilidade de as alterações recentes sofridas pelo Sars-CoV-2 impulsionarem a pandemia.

Conduzida entre 5 de abril e 16

de maio, a pesquisa da PHE mostra que a vacina Pfizer/BioNTech mostrou-se 88% eficaz contra a forma sintomática da variante B.1.617.2 duas semanas depois da aplicação da segunda dose. No caso da cepa B.1.1.7, a taxa é de 93%. Mantidas as mesmas condições, os índices

da fórmula da AstraZeneca foram 60% e 66%, respectivamente.

As duas vacinas apresentaram 33% de eficácia contra a forma sintomática da variante identificada inicialmente na Índia três semanas após a primeira dose e cerca de 50% contra a variante B.1.1.7.

Ministro da Saúde britânico, Matt Hancock classificou os resultados do estudo como “inovadores”.

Para conter a propagação da B.1.617.2, autoridades sanitárias do país reduziram o intervalo entre as aplicações das doses dos imunizantes de até três meses

para oito semanas. A recomendação envolve vacinados que tenham ao menos 50 anos e os mais vulneráveis. Também foram intensificados os testes de diagnósticos em regiões afetadas, principalmente no noroeste da Inglaterra e em partes de Londres.



PAULO DELGADO

contato@paulodelgado.com.br

Com Henrique Delgado

PERU: FICÇÃO E REALIDADE

Cajamarca é antiga cidade inca em que Francisco Pizarro, conquistador espanhol, capturou e executou Atahualpa, dando fim ao Império Inca. Hoje, Cajamarca é uma cidade média com rica história preservada e um departamento peruano conhecido pela produção de ouro. É dali que veio a nova sensação da política do país: Pedro Castillo.

Professor de escola pública sem passagem por cargos eletivos, Castillo tornou-se conhecido ao liderar uma greve de professores, em 2017. Num país em que a política foi destrocada, e os partidos políticos são cartórios que mudam de nome e não cansam de se autodestruir, foi para o segundo turno das eleições presidenciais com a filha de um ex-presidente preso por crimes contra a humanidade.

No dia 30, Keiko Fujimori e Castillo realizaram o último debate da eleição. Ocorrerá no sul do país, em Arequipa. E a ideia é encontrar um terreno neutro. Nem na região norte de Castillo, nem na

região central em que fica a capital Lima, onde Fujimori tem mais apoio. Quando as duas equipes chegaram em Arequipa viram que isso não é tão simples em um país de política tão conturbada.

Fujimori tem muito apoio no norte, fora de Cajamarca e Castillo tem vantagem justamente no sul. Em Arequipa, a sugestão era de se realizar o debate no Palácio de Belas Artes, que leva o nome do mais renomado escritor peruano contemporâneo, o ainda vivo Mario Vargas Llosa. Filho mais ilustre de Arequipa, em 1990, Llosa foi candidato derrotado à Presidência pelo pai de Keiko, o então desconhecido Alberto Fujimori.

Na campanha, Llosa liderou um time superantelado com o que havia de mais influente no Banco Mundial, no FMI, e nas principais agências dos EUA que se dedicam a pensar o mundo. Sua vitória em 1990 teria sido a vitrine de boutique do que, no ano anterior, o professor John Williamson — que deu aulas na PUC do Rio de Janeiro e veio a falecer no mês passado — batizara de Consenso de Washington. Todavia, Llosa perdeu. Fujimori, que foi alçado do nada, tornou-se um presidente em busca de uma ideia do que fazer de seu governo. Arranjou-se bem com muitos apoiadores de Llosa que queriam entrar para a Casa de Pizarro, o palácio do governo do Peru.

Passado um ano e pouco colocando o plano de Llosa em prática e recebendo elogios, Fujimori deu um autogolpe. Dali para frente se segurou no cargo até 2000, quando saiu fugido do Peru para o Japão. Desde 2010, Fujimori cumpre pena no Peru.

Llosa passou todos esses anos lamentando como Fujimori e sua família trabalham para destruir a institucionalidade no país. Depois de criticar Keiko das formas mais veementes possíveis anos a fio, Llosa pede votos para ela em nome de um medo maior do desconhecido Pedro Castillo.

A atitude de Llosa compõe o retrato das atitudes mais básicas que maltratam e destratam a política e a vida civil no Peru. É muita influência exercida por pessoas que não fizeram do Peru o principal local de suas vidas. É um local de extração. Para Llosa — que mora em Madri, por conta de exílios e afinidades eletivas —, extração de histórias muito bem escritas. Para outros, é local de extrações mais próximas da vivência de pessoas como Pedro Castillo. Isso faz com que o governo viva em ondas vãs de autoritarismo, exílio e populismo. Abismo atrai abismo, não tem como dar certo desse jeito.

O Peru é um dos países em que o coronavírus, por si só, aumentou a chance de conflitos. Junto ao maltrato histórico da vida política e civil, a

crise do coronavírus colocou um professor camponês de Cajamarca na porta da Casa de Pizarro, lado a lado com a herdeira de Fujimori. Contudo, não se trata de revolução. O maior risco de Castillo é decepcionar seus eleitores por conta de sua inexperiência. Por parte da nova Fujimori, a decepção é tentar voltar às experiências ilegais e autoritárias dos anos 1990. São três décadas de alternância entre antipolítica autoritária, tecnocratism e populismo.

O debate do dia 30 foi transferido para o salão Simón Bolívar da Universidade de Arequipa. Os chavões dominam as duas campanhas. Williamson alertava na conferência original de 1989 em torno do tal Consenso de Washington — na qual participou Pedro Pablo Kuczynski, o mais recente presidente peruano eleito por currículo — que “Washington nem sempre pratica o que prega [... o que] machuca os EUA bem como o resto do mundo”.

Que o povo peruano escolha livremente o governo e que venha aí o mais bem-sucedido possível. E, se tiver discernimento, pense bem em mudar o nome do palácio. Imagine, no Brasil, o Palácio do Planalto ter o nome de quem dizimou nossos índios.

■ Paulo Delgado, sociólogo